

O Sertão de Riobaldo: uma leitura a partir de Nietzsche

Robson Costa Cordeiro *

Resumo:

O artigo propõe uma aproximação entre a filosofia de Nietzsche e o romance *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Analisaremos, pela perspectiva nietzscheana, a saga de Riobaldo e a gênese e formação de um destino, ou melhor, dos vários destinos que vão se apresentando ao herói do romance.

Palavras-chave: Destino; Instante; Eu

Riobaldo's *Sertão* [backlands]: a reading from Nietzsche

Abstract:

This article proposes an approximation between Nietzsche's philosophy and the romance *The devil to pay in the backlands* [*Grande Sertão: Veredas*], by Guimarães Rosa. We will analyze here, in a nietzschean perspective, Riobaldo's saga and the Genesis and formation of a destiny, or better yet, of the various destinies that are presented to the romance's hero.

Key-words: Destiny; Instant; Self

Como vir a ser um destino? Em “Grande Sertão: Veredas”, Guimarães Rosa ao narrar a saga de Riobaldo, descreve, sobretudo, a gênese e formação de um destino, ou melhor, dos vários destinos que vão se apresentando ao herói: primeiro, o jagunço Riobaldo, depois Tatarana, o exímio atirador e depois o chefe, o Urutú Branco. Em todos esses “eus”, um destino aparece como a súbita espontaneidade do instante, como aquilo que é anterior ao eu, que é apenas seu sinal, seu vestígio, tal qual o corisco, cujo acontecer é sempre anterior ao do seu anúncio pelo trovão, que anuncia o que já se deu, o que já transcorreu, o súbito aparecer de um clarão, que iluminou um acontecer. No vir a ser de um destino, o homem, ao perceber o dar-se do seu acontecer, já se encontra tomado pelo iluminar do seu clarão, tal como o irromper da aurora, que toma de surpresa e vai iluminando os últimos rasgos da noite adormecida. E quando a noite adormecida desperta,

percebe que já não é noite, mas dia. O mesmo ocorre com o homem: quando desperta pelo clarão do raio que lhe anuncia um novo destino, já se encontra tomado por ele, perpassado por uma nova modalidade de vida. Na vida nada está pronto, decidido, concluído, tudo está sendo. Esse estar sendo é a travessia. O homem sempre está sendo, mas ele pensa que é. Nessa travessia, a subitaneidade do instante aparece, em “Grande Sertão: Veredas”, em diversos episódios da saga de Riobaldo pelo sertão. Como ele mesmo diz, o sertão está em todo lugar, pois o sertão é travessia. Um dos episódios mais conhecidos é o da travessia que faz Riobaldo com Diadorim, ao sair do de-Janeiro e entrar nas águas do São Francisco. O sentimento que ele tem, ao ser tomado por esse súbito desembocar no grande rio é o medo: o medo que lhe traz a insegurança, a incerteza de tão imensas águas. Esse momento, Riobaldo assim o descreve: “Medo maior que se tem, é de vir canoando num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande. Até pelo mudar. A feiúra com que o São Francisco puxa, se moendo todo barrento vermelho, recebe para si o de-Janeiro, quase só um rego verde só.” (GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*, p. 77).

O medo que se tem é o de ser tomado, arrebatado pelo fluxo do grande rio. O grande rio, no caso, é como um destino, que num instante se faz presente, e consigo arrasta. Isto que ganha corpo, forma, assusta porque, enquanto aquilo que se abre diante, é desconhecido, incerto, de margens distantes, perigoso. Lembremos a sentença tão repetida por Riobaldo: “viver é muito perigoso.” É perigoso porque é travessia, travessia sem a garantia de margens próximas. A margem é o limite, o que está demarcado, o que oferece apoio, segurança. Por isso, o menino Diadorim que vai junto com Riobaldo lhe diz que é preciso ter coragem. Coragem diante do desamparo, do que é traiçoeiro, imediato. Assim é o rio, assim é o fluxo de um destino, que traz o desassossego do que é súbito e incerto. O que é súbito é o que nos pega de surpresa, desprevenido, desavisado, o que, mesmo sendo esperado, quando ocorre também causa surpresa.

O ocorrer súbito é o ver-se lançado, o encontrar-se instantaneamente sem apoio, sem margem. Mas Riobaldo fica espantado com a serenidade e segurança do menino. Segurança diante do incerto, do inseguro, pois ele também não sabia nadar. O lançar-se na travessia sem o saber das garantias, sem o apoio do que é firme, isto é a coragem. O menino em pé, no barco que oscila nas grandes águas, mostra a segurança no desamparo, o que é

* Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ

coragem. Essa coragem do menino Diadorim diante do incerto da travessia, causa no menino Riobaldo uma grande transformação. Assim, admirado ele diz: “Amanheci minha aurora.” (Ibidem, p. 79).

A aurora de uma nova realidade se abre para ele com essa travessia, que é o fato primeiro, o marco inicial da sua trajetória pelo sertão. Sertão significa ser tudo aquilo que se pode ser. Sertão, para Riobaldo, “... é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar.” (Ibidem, p. 21). Para isso, é preciso se afastar do burburinho, do costume, dos hábitos corriqueiros, do que torna todos comuns, sem destino. Afastar-se, no entanto, não significa isolar-se, mas conseguir marcar, estando no comum, o distintivo de uma singularidade. O destino, enquanto distintivo, sinal, é o estigma que marca uma trajetória, uma singularidade, que se destaca do comum, do ordinário. Riobaldo, em seus momentos de ócio, em que se encontrava de “range rede”, como ele mesmo costumava dizer, dava para especular idéias. Para ele, a grande preocupação era: como ser aquilo que era preciso ser, ou seja, como vir a ser um destino?

No episódio que se passa nas Veredas-Mortas, esta se revela como sendo a sua principal preocupação. Neste local, ele ficar à espreita do diabo, o aguarda, decidido a mostrar que não se deixa comandar, que quem decide e dá as ordens sobre o seu destino é ele mesmo. Neste momento, Riobaldo compreende que o diabo é pura invencione e que vender a sua alma é não deixar-se comandar desde si mesmo, mas seguir uma orientação alheia. É recusar a travessia e permanecer na margem, no certo, no seguro, no comum. É assegurar-se dos fins. A sua experiência nas Veredas-Mortas é de tal intensidade, que ele, lá chegando, em certo momento esquece a razão pela qual tinha ali comparecido. Afinal, o que ele queria ali? Acerca disso, Riobaldo considera o seguinte: “Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!” (Ibidem, p. 298). Ao querer isso, Riobaldo não quer pacto algum com o demônio, pois o demônio, como ele mesmo denomina, “é o Dos-Fins”. O fim, enquanto o que se busca atingir, é morte, ausência de vida, de vir a ser. Mas o que Riobaldo busca não é isso, mas ficar sendo, querer poder ser.

Querer ficar sendo é querer vir a ser um destino. Isto significa querer ser nada, isto é, não querer ser nada concluído, pronto, determinado, acabado. Pois o que o homem mais teme é estar pronto e não ter mais o que querer. Por isso, o que ele mais quer é estar sempre

sendo, e isto significa estar sempre querendo ser a realização de uma possibilidade. Essa possibilidade, enquanto poder ser, é um destino. Para Riobaldo, “... de noite o destino da gente às vezes conversa, sussurra, explica, até pede para não se atrapalhar o devido, mas ajudar. Crendice?” (Ibidem, p. 283).

Como o destino sussurra, é preciso estar-lhe à “escuta” e procurar ajudá-lo. Mas como ajudar o destino? Para ajudá-lo, é preciso que o homem venha a ser aquilo que ele, enquanto destino, é. Mas, o que é o destino? Destino, conforme já dissemos é poder ser, possibilidade de vida, o que é coisa nenhuma, no sentido de algo concreto, já constituído. Sendo assim, destino é nada. Mas nada não significa a pura negatividade, o não-ente. O nada é antes condição para o devir, pois, para que algo possa vir a ser, é preciso que ainda não seja. Quando dizemos que o nada é, é como se anunciássemos que ele é alguma coisa. No entanto, o nada não é algo, no sentido de coisa, embora não seja também o não-ente, o oposto vazio do ente. Ele é, à medida que é provocação para ser.

Quando o destino sussurra para o homem, mostrando-lhe o nada, o homem mergulha na angústia. Aquele que quer ser-tão, este deve amar o destino e a angústia. Em *Gaia Ciência*, Nietzsche descreve este como sendo o seu grande amor: “*Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor!” (NIETZSCHE, F. GC, § 276).

A angústia, conforme descreve Kierkegaard, “... é a realidade da liberdade como puro possível.” (KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*, p. 45). Diferentemente do temor, a angústia, segundo ele, não remete a nada de exato. Sendo assim, não tem o sentido de ansiedade, pois a ansiedade se dá diante de algo que é certo, exato. Sendo a abertura diante da liberdade como puro possível, a angústia se origina do nada, pois a liberdade que se lhe abre adiante não é uma propriedade, mas um poder ser. É precisamente isso o que vai distinguir o homem do animal: o fato de que a liberdade é para ele um poder ser que se abre diante do nada, do nada que ronda a sua existência. O nada está presente para o homem porque ele não é um ser já previamente constituído, acabado, concluído, sem história, como o animal. Pelo contrário, o homem está sempre sendo, se fazendo, procurando vir a ser o destino que lhe é próprio. Mas o destino também não é coisa alguma, não é um fato consumado que vem pronto e se apresenta ao homem. Se assim fosse, o homem não teria liberdade.

O homem é livre não porque pode escolher entre o bem e o mal, ou porque pode escolher entre os vários destinos que se lhe apresentam. Ele é livre porque está aberto diante do nada e porque, com isso, tem o poder de vir a ser, de constituir-se sujeito. Com isso, ele entra em sua liberdade. O destino, sendo nada, não é algo preciso, exato. Para Kierkegaard, o nada da angústia, no paganismo, quer dizer mais exatamente o destino (Ibidem, p. 101). Enquanto poder ser, o destino é uma possibilidade necessária, isto é, que comporta tanto a necessidade quanto a contingência. É necessária porque não pode não apresentar-se sempre, mas, contudo, é algo apenas possível, pois se apresenta enquanto nada. Este nada é a possibilidade aberta para o homem, que, enquanto ser livre, tem a sua liberdade apenas como uma possibilidade de abrir-se para essa possibilidade de vida. Desse modo o destino, como o que necessariamente sempre aparece como possibilidade, é o que se encontra em relação com o nada da angústia.

Para poder explicar o destino é preciso ser tão ambíguo quanto ele. Assim também era o oráculo. Mas, na vida, não há como não consultar oráculos. O oráculo é como o destino que à noite nos sussurra, conforme falou Riobaldo. Mas o que ele nos sussurra é ambíguo, não é nada claro, certo, por isso é nada. O trágico da vida não é essa contradição presente no destino, o fato de que somos nós os intérpretes da sua ambigüidade, mas sim o fato de o consultarmos. Quando o consultamos ele não é claro, o que ele anuncia é só o possível. Ciente disso, Riobaldo diz: “Possível o que é – possível o que foi. O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena.” (GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*, p. 369). Quando o consultamos, somos perpassados pelo nada, pela angústia. Na conversa que mantém com o destino, que lhe acena, mas logo se esconde, Riobaldo sente-se tomado pela angústia: “Ah, fiquei de angústias. O medo resiste por si, em muitas formas. Só o que restava para mim, para me espiritar – era eu ser tudo o que fosse para eu ser, no tempo daquelas horas.” (Ibidem, p. 253).

O que importa ao herói não é o sucesso ou o fracasso decorrente da sua ação, mas o fato de se comandar desde si mesmo. Ao se ordenar assim, ele tudo pode, pois não se deixou comandar desde fora. Quando assim procede, ele é sempre vencedor, seja na vitória ou na derrota, pois se deixou comandar desde si, foi tudo aquilo que era preciso ser.

O que é sensível ao sussurrar do destino é tanto o mais forte como também o mais frágil. O mais forte porque é capaz de fazer o mundo girar no fluxo da sua ação, arrastando-

o consigo no poder da sua criação, pois é o que tem o poder de criar mundo. É também o mais frágil, porque se deixa sucumbir por amor à sua criação, pelo movimento do seu destino. O que ele ama acima de tudo não é atingir um fim para a sua ação; antes, é isso o que mais teme. O seu grande amor é comandar-se desde si, indo além de si mesmo. Quando se encontrava nas “Veredas-Mortas”, vimos que Riobaldo nada buscava, além de poder ser, de estar sendo. Mas, poder-se-ia perguntar, o que ele queria então não era acabar com o Hermógenes? Isso, ele nos diz, “... figurei mais por precisar de firmar o espírito em formalidade de alguma razão.” (Ibidem, p. 298).

O que mais queria Riobaldo era estar sendo, poder ser, comandar-se desde si, desde um destino, pois o rio, como ele diz, não quer chegar a lugar nenhum, mas sempre correr, fluir, e nesse fluir ser mais grosso, mais fundo.

O poder ser significa estar imerso no nada do destino. Nesse estar imerso, uma voz não tão clara sussurra para o homem. Ela é o oráculo do seu vir a ser. Nesse sussurro, ocorre o diálogo da alma com ela mesma, que se dá no silêncio da solidão. O silêncio, que é o estar a sós consigo mesmo, é a hora da mais profunda solidão, conforme mostra Nietzsche em seu ditirambo “fama e eternidade”:

Olho para cima —
Lá estão rolando mares de luz:
Ó noite, ó silêncio, ó ruído de mortal silêncio!...
Vejo um sinal —,
De longínquas distâncias
Desce lenta cintilante uma constelação rumo a mim ...
(NIETZSCHE, F. DD, p. 135).

Nessa hora, em que se ouve o murmúrio do destino, em que o silêncio é tão mortal que faz ruído, o homem encontra-se imerso na angústia. O nada, que dá nascimento à angústia, é provocador, anunciador. Uma constelação anuncia o rumo, provocando o homem a ser, ou melhor, a vir a ser aquilo que ele já é, ou seja, a possibilidade que já lhe foi anunciada como um destino. Acerca disso Nietzsche-Zaratustra nos diz o seguinte, em “Do Caminho do Criador”: “Terrível é estar a sós com o juiz e vingador da própria lei. Assim uma estrela é arremessada no espaço vazio e no gélido respiro da solidão” (p. 78).

Essa estrela que é arremessada, indica norte, direção, destino. Ela é arremessada no espaço vazio, surge no buraco, no nada, no vazio, no oco que é o homem indicando-lhe um

destino. No entanto, essa indicação de caminho é, para aquele que é sensível a ouvir o seu sussurro, como uma estrela que orienta o rumo. A maior dor para o homem é ser ele, no orientar-se do seu rumo, o juiz, e também o realizador da ação. Sendo assim, ele é o oráculo de si mesmo, do seu destino, e também o seguidor da luz de sua estrela. Essa é a sua mais terrível solidão, ser o juiz e o cumpridor da lei do seu destino.

Um tal acontecimento não é objeto de reflexão, ou seja, não é algo sobre o qual o homem previamente reflita e decida racionalmente. Não, é algo súbito, imediato, que tal como o alvorecer preenche a escuridão da noite de solidão do homem. Acerca da imediatidade desse acontecimento, Riobaldo assim se expressa: “Agora, eu, eu sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutra ar, no sabugo da unha; e com efeito tudo é grátis quando sucede, no reles do momento” (GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*, p. 310).

Desse modo, ele procura descrever o acontecimento extraordinário que foi ele ter se tornado chefe, o Urutú-Branco. Para essas coisas, o entendimento vem sempre tarde, procurando acompanhar o que já se deu, o que já é passado. O entendimento, nesse caso é como o trovão, que anuncia o corisco que já passou. Por isso, Riobaldo vai considerar que “a morte é corisco que sempre já veio.” (Ibidem, p. 154).

Assim, entender o destino é ambíguo, pois, ao procurar entendê-lo, nós já estamos dentro do seu movimento, que sempre já se deu, e com isso, sempre chegamos tarde. Para entendê-lo, portanto, é preciso entrar no movimento da ambigüidade. Por isso, segundo Riobaldo, “a gente só sabe bem aquilo que não entende.” (Ibidem, p. 268).

Saber, nesse caso, é entender que o movimento do irromper de vida se dá desde a circularidade, desde a ambigüidade, visto que o vivente, enquanto o que está sempre inserido na vida, não pode ficar de fora da vida para apreender a origem do seu movimento. Isto significa que quando tenta apreender o dar-se da realidade, o homem já se encontra sempre dentro dela, dentro do acontecer de uma possibilidade de realidade. Esse saber não é objeto do entendimento, pois não é possível entender racionalmente o que é contraditório, circular. Isso, no entanto, não desmerece este saber; o entendimento, ao contrário, é que não é o saber adequado para a compreensão desse movimento.

Nesse movimento, o homem é o seu poder ser, isto é, ele é, essencialmente, conforme compreendia Nietzsche, vontade de poder-se, de poder sempre vir a ser. Sendo

assim, o que ele quer acima de tudo, como mostrou Riobaldo, é querer estar sendo, querer sempre poder ser, querer sempre poder querer. Isso, porque o homem é, em essência, coisa nenhuma, mas tão somente o seu destino, a sua história. Isto significa dizer que ele não é previamente nenhum sujeito constituído. O que ele vem a ser, um sujeito, um eu, é decorrência do nada que o ronda, do querer sempre estar sendo. Este querer é que leva ao acontecer da sua história. Por isso, podemos concluir que “... a essência humana ... só passa a existir depois que a vida se acaba, deixando atrás de si nada mais que uma história” (ARENDDT, H. *A condição humana*, p. 206).

Em “Grande Sertão: Veredas” temos o dar-se, o acontecer de um destino, que é a trajetória de Riobaldo. Nesta trajetória, o sujeito Riobaldo é o que vai se desvelando no desenrolar da sua história. Não é algo previamente constituído, mas sim algo que vai sendo, que vai acontecendo. Enquanto o que narra a sua própria história, Riobaldo não conta simplesmente fatos e acontecimentos passados. Ele descreve o próprio constituir-se de sua realidade. Mas, como o que narra, ele não se encontra fora da história que está sendo descrita. Como o que está vivo ele é tomado, é transformado por seu dizer, pois, ao narrar, ele também é o que se deixa mostrar, o que aparece, o que se desvela tornando-se sujeito e objeto da sua narração. Está sendo o que descreve o vir a ser do seu destino. Da sua história ele é tanto sujeito como também personagem, pois, ao mesmo tempo que a faz com suas ações, também é feito por ela, visto que a sua essência é, no final, a sua história.

Na descrição que faz dela, ele se deixa mostrar como sendo livre porque pôde querer, porque pôde determinar-se desde si mesmo. Esta liberdade não é, como se possa pensar, a propriedade de um sujeito previamente constituído, que decide as coisas a partir de uma suposta autonomia da sua consciência. Não. A liberdade é um puro possível. Ser livre, de acordo com isso, significa querer a emergência disso que é só possibilidade, poder ser, puro querer. Isto, enquanto o supremo risco é travessia. Neste estar lançado na travessia, o homem também entrevê margem, mas não como o ponto de apoio em que ele pode permanecer estaticamente seguro, e sim como aquilo que é vislumbrado desde a correnteza que arrasta como o que pode dar novo impulso ao querer, à travessia.

No fluxo dessa correnteza, o homem vai se constituindo sujeito, em obediência ao murmúrio de um destino, que lhe anuncia uma possibilidade de vida. Ele é livre porque manda em si mesmo a partir da obediência a esse aceno. Este jogo de mando e obediência é

magistralmente descrito por Nietzsche no discurso “Do superar si mesmo”, da segunda parte de *Assim falou Zaratustra*. Neste jogo, o homem só pode mandar se obedecer, se for subserviente, servil ao seu destino. Assim ele torna-se senhor de si mesmo. Isto é o que deveria querer o homem, para ser essencialmente o que ele é, conforme nos mostra Klee neste trecho dos seus diários: “Ah, tornar-se apenas ser humano, metade servo e só metade deus!” (KLEE, P. *Diários*, p. 433).

O divino no homem é a sua servidão àquilo que ele pode ser. Com isso ele entra no ser-tão, pois passa a ser o que comanda a si mesmo obedecendo, servindo, atento à centelha do divino, do corisco. Querer poder ser é querer essa centelha, é buscar o que em si é vivo, o que desde si flui. Este querer é travessia. Desde a travessia do São Francisco, em que aconteceu o despertar da sua aurora, Riobaldo vislumbrou, desde si mesmo, a travessia do ser-tão. Essa travessia foram as suas transformações, todas as suas possíveis auroras.

Referências Bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GUIRAMÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito de angústia*. Trad. de Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Hemus, 1968.

KLEE, Paul. *Diários*. Trad. de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.